

Entre o
heroísmo e o delírio

GLOBO

JOSÉ SARNEY

A morte esperada de Deng Xiaoping aconteceu. Ele era o último mito da geração dos grandes revolucionários do século. Aos 16 anos, em 1921, estava em Paris, operário da Renault, quando foi possuído pela fascinação das idéias marxistas. Não era Xiaoping, a "pequena paz", nome que ganhou na Grande Marcha, ao lado de Mao. Ia cumprir um longo e grande destino.

É o último dos "imperadores" e um dos últimos generais, senhores da guerra. Sua vida foi de altos e baixos. Via a Revolução Bolchevista, foi um dos artífices da Revolução Chinesa, participou da Grande Marcha, atravessou o idealismo do Grande Salto à Frente, foi para o ostracismo com as Cem Flores, condenou a Revolução Cultural e renasceu das cinzas para dar à China o *status* de nação em busca da modernidade.

Kissinger dizia que nada era mais difícil do que negociar com ele. Homem duro e severo com suas idéias. Enfrentou o dogmatismo leninista e criou essa coisa contraditória que é o socialismo de mercado, um país, dois sistemas. O pragmatismo nunca deixou de marcar o comunismo chinês. Mao dizia que "o marxismo era apenas o instrumento da revolução", para concluir: "A China é maior do que qualquer doutrina."

Deng Xiaoping resumiu sua filosofia de resultados quando afirmou, à maneira oriental, "o gato pode ser preto ou branco. O essencial é que ele pegue o rato".

O fundamental era reerguer a China. Resumiu em quatro modernizações seus objetivos: 1) agricultura; 2) indústria; 3) pesquisa científica e técnica; 4) defesa. Quando lhe pediram a quinta meta, a democracia, não vacilou em negá-la, no episódio de 1989, da Praça da Paz Celestial, no receio do que acontecera com a URSS.

Deixa a herança de uma obra, como dizia o "Le Figaro", mais difícil do que atravessar as Quatro Gargantas, do grande Rio Yangtsé. É frágil e audaciosa.

Conheci pessoalmente Deng. Com ele conversei mais de uma hora em Pequim. Era uma figura sedutora, com a magia de sua vida e a auréola de mistério que faz parte da velhice. Estávamos em 1988, num velho e milenar solar da Cidade Proibida dos Imperadores que nos acolhia. Deng tinha pouco mais de metro e meio. Já tinha dificuldades de audição, mas seus olhos pequenos brilhavam como se não conhecessem o tempo. Afirmou-me de saída: "Se joga bridge, estou bem da cabeça; se nado, estou bem do corpo."

Perguntei-lhe como via o futuro da Humanidade nos próximos anos. Respondeu-me:

— Vamos viver um longo período de paz. A Humanidade precisa reconstruir uma convivência duradoura. Estamos cansados de confrontações.

Falava como velho profeta. No ano seguinte, caía o Muro de Berlim, desmoronava o mundo comunista. Abriu-se uma perspectiva de paz duradoura e o fim da corrida nuclear. Eu, pessoalmente, considero que o fim do stalinismo, do leninismo, do socialismo de Estado acabou quando a China impediu que o imperialismo soviético passasse as fronteiras do Cazaquistão. A secessão da China foi o maior golpe recebido pelo mundo comunista. Seu futuro desmoronamento aí começava.

Disse a Deng Xiaoping que as relações da China com o Brasil deviam ser privilegiadas. Na América do Sul, a nossa posição era igual à da China na Ásia. Ele respondeu-me:

— É cedo. Precisamos de tempo para sermos mais amigos.

E, em seguida, começou a falar da China, empolgado com planos de 50 anos, de um século, e deles falava como se estivesse dissertando sobre o que ia acontecer na madrugada seguinte.

Voltei à China em 1994. Fui convidado para uma entrevista com o chanceler Quian Qichen. Ele recordou minhas palavras com Deng Xiaoping e afirmou-me:

— O tempo já chegou.

Visitei Jiang Zamin, o novo presidente, com Helmut Schmidt, Giscard d'Estaing e De La Madrid. Tivemos uma conversa franca. Pareceu-me um homem para quem as perguntas não são jamais indiscretas. Perguntamos o que ele pensava das indagações que circulavam sobre o seu país, tais como: "A China vai ocupar o lugar da URSS? A China, potência naval, é uma ameaça militar para a Ásia? O PIB chinês será o maior do mundo no fim do século?"

O presidente Zamin disse que essas indagações circulavam para criar um certo receio em relação ao seu país e oferecer obstáculos. A China desejava continuar trabalhando, sem preocupações hegemônicas, "conforme as diretrizes do camarada Deng Xiaoping".

Este agora está morto. Deixa o legado de uma China a receber Hong Kong, um crescimento de mais de 10% ao ano, uma agricultura transformada, "aproveitando tudo de bom do capitalismo", e as províncias com mais força e independência.

Jiang Zamin, como os demais da atual hierarquia chinesa, não participou da Grande Marcha e junto ao cadáver de Deng Xiaoping estava seu filho Deng Pufang, paraplégico, em cadeira de rodas, vítima da violência da Revolução Cultural.

A atual geração está longe do heroísmo revolucionário e não é vítima do delírio. A ela cabe conduzir este país fascinante, por onde passou a História do homem, desde os guerreiros de terracota de Xian, até o achado arqueológico das ossadas da pequena Lucy, de um milhão de anos, encontrada nas camadas de calcário das montanhas ao Norte de Pequim.